



Denise Pereira  
Maristela Carneiro  
(Organizadoras)

# História: Diálogos Contemporâneos

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

**Denise Pereira**  
**Maristela Carneiro**  
(Organizadoras)

# **História: Diálogos Contemporâneos**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

H673 História: diálogos contemporâneos [recurso eletrônico] /  
Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta  
Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (História. Diálogos  
Contemporâneos; v. 1)

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-7247-559-4  
DOI 10.22533/at.ed.594192308

1. História – Pesquisa – Brasil. I. Pereira, Denise. II. Carneiro,  
Maristela. III. Série.

CDD 900.7

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

Atena  
Editora

Ano 2019

## APRESENTAÇÃO

Dentre os conflitos mais instigantes, produtivos e controversos que se dão no espaço acadêmico, reside aquele que opõe as muralhas das especificidades dos campos disciplinares à permeabilidade dos saberes na contemporaneidade. Extremismos à parte, é certo que, justamente por suas miradas particulares, os campos de conhecimento podem crescer quando travam contato. A descoberta de termos e objetos comuns e o desconforto dos desacordos e quebras de comunicação criam uma atmosfera de efervescência, questionamento e convite ao aprendizado. O conhecimento frequentemente prospera nas interseções.

As tensões do mundo líquido no qual navegamos intensificam estes debates e tornam premente a necessidade de promover e compreender os trânsitos entre os campos e os conhecimentos que emergem nessas encruzilhadas. Criar ligações entre as ilhas é, pois, uma necessidade, haja vista que, no coração destes debates jaz o descompasso entre a disponibilidade de informações e a variedade de recursos tecnológicos, de um lado, e o basbaque e a incapacidade de articular efetivamente tamanho arsenal em favor da difusão do conhecimento e da ampliação do alcance das humanidades em nosso meio social, de outro.

Como aponta Giorgio Agamben, o presente reside nessa zona fugaz e inexistente, o não vivido dentro do vivido, sendo, portanto, um desejo de futuro que encontra sempre seu referencial em algum passado. À História, que faz o possível para medir o pulso desse grande corpo em fluxo, cabe a árdua tarefa de estudá-lo até onde permite o alcance de suas lentes, a fim de que tenha o necessário para pintar o quadro complexo e pitoresco que a realidade merece. Esse quadro é pincelado de diálogos que mesclam novas e velhas fontes, linguagens clássicas às pós-modernas, discursos estabelecidos aos controversos. E tendo esse *melting pot* como horizonte orientador, antes de desvanecer, acaba revigorada nesses entrecortado de lugares e falas, nem sempre convencionais.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira  
Maristela Carneiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
(RE)PENSANDO A CIBERCULTURA NO CONTEXTO EDUCACIONAL	
Cristiane Tavares Fonseca de Moraes Nunes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5941923081</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>23</b>
A COEXISTÊNCIA ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA. A ESCRITA BALZAQUIANA COMO PROJETO DE UMA HISTÓRIA DOS COSTUMES	
Ana Beatriz Morais de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5941923082</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>34</b>
A FEBRE AMARELA NO RIO DE JANEIRO: HISTÓRIA, CIÊNCIA E LITERATURA	
Cláudia Santos Turco	
Eduardo Nazareth Paiva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5941923083</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>42</b>
A FILOSOFIA E A FORMAÇÃO DO HOMEM CONSCIENTE DE SI: ANÁLISE DO O CONTRATO SOCIAL E DO EMÍLIO DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU	
Edson de Sousa Brito	
Vanessa Aparecida Bernardes de Souza	
Tiago Carvalho Lombardi Tosta	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5941923084</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO	
Fernanda Moreira Silva Rabelo	
José Carlos Ferraz	
Hellayny Silva Godoy de Souza	
Ana Maria Franco Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5941923085</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>66</b>
A TRAJETÓRIA DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO RIO GRANDE DO SUL E A POLÍTICA DE RECONSTRUÇÃO DO JAPÃO APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	
Tomoko Kimura Gaudioso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5941923086</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>77</b>
DE IBICABA A SUPERAGUI: APROXIMAÇÕES ENTRE A IMIGRAÇÃO DEDICADA À GRANDE LAVOURA E A COLONIZAÇÃO HAVIDA NO PARANÁ	
Caiubi Martins Dysarz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5941923087</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>101</b>
AÇÕES POLÍTICAS DE PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA: MODERNIDADE E POLÍTICA EM GOIÁS (1930-1933)	
Ivo Monteiro de Queiroz Claitonei de Siqueira Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5941923088</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>115</b>
ANÁLISE ESPAÇO TEMPORAL DO CRESCIMENTO DA MANCHA URBANA DO BAIRRO COLINA DE LARANJEIRAS – SERRA/ES A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DE IMAGENS GOOGLE EARTH	
Rubyana dos Santos Vieira Jordano Francesco Gagno de Brito Eliana Cassia Rocon Daiane Entringer Modesto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5941923089</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>121</b>
BIOGRAFIA, METODOLOGIA, SENSIBILIDADES E PRÁTICA RELIGIOSA CATÓLICA EM MARINGÁ, NORTE DO PARANÁ (1969-2000)	
Marcia Regina de Oliveira Lupion Solange Ramos de Andrade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.59419230810</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>132</b>
CAMPESINATO NA DIOCESE DE GOIÁS: MEMÓRIAS DAS LUTAS E COM D. TOMÁS BALDUÍNO	
Valtuir Moreira da Silva Damiana Antonia Coelho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.59419230811</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>144</b>
IGREJA CATÓLICA E A FORMAÇÃO DE ORGANIZAÇÕES SOCIAIS EM SANTA LUZIA D'OESTE/RO (1980-2017)	
Cátia Franciele Sanfelice de Paula Pâmela Kamila da Silva Gomes Andrea Gomes Veríssimo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.59419230812</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>157</b>
FÉ EVANGÉLICA E A AÇÃO POLÍTICA NA OBRA CINEMATOGRAFICA SELMA (2014): UMA VISÃO PROTESTANTE ACERCA DA LUTA PELOS DIREITOS CIVIS	
Vinícius Almeida Teixeira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.59419230813</b>	

<b>CAPÍTULO 14 .....</b>	<b>166</b>
<b>ILÊ OJU ODÉ: POLÍTICAS DE RESISTÊNCIA E TERRITORIALIDADES NO CANDOMBLÉ DE GOIÁS</b>	
<b>Victor Hugo Basilio Nunes</b>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.59419230814</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS.....</b>	<b>175</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>176</b>

## A TRAJETÓRIA DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO RIO GRANDE DO SUL E A POLÍTICA DE RECONSTRUÇÃO DO JAPÃO APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

**Tomoko Kimura Gaudioso**

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História

Universidade Federal de Santa Maria

Santa Maria – Rio Grande do Sul

**RESUMO:** Este trabalho pretende mostrar um recorte do aspecto da imigração japonesa no Rio Grande do Sul, desde os primeiros imigrantes até final do século XX, de forma sucinta a fim de compreender como ocorreu a história da imigração japonesa neste estado. Após a Segunda Grande Guerra, o Japão passava por dificuldades econômicas e sociais visto que havia excedente da população que, retornando ao país arrasado pela guerra, das localidades que antes eram colônias, tinham que se estabelecer em algum lugar. Em 1956, após negociação com o governo brasileiro, chegaram ao estado do RS os primeiros japoneses vindos do Japão através do programa de imigração planejada. Os primeiros imigrantes envelheceram ou faleceram, mas deixaram um legado que reproduz e alimenta a memória da própria imigração japonesa através das práticas culturais e religiosas. Através da observação de práticas e de pesquisas documentais, pode-se observar que as atividades como culto coletivo aos antepassados, o Ireisai, gincana esportiva, o Undokai e outras atividades são realizadas

para o fortalecimento do laço nipônico e essa memória são exercitadas regularmente e reproduzidas, muitas vezes, por intermédio de associações japonesas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imigração. Pós-guerra. América Latina. Japão.

**ABSTRACT:** This paper intends to briefly present an aspect of the Japanese immigration in Rio Grande do Sul, from the first immigrants until the end of the XX century, as a means to comprehend how history played out. After World War II, Japan had a hard time economically and socially since there was a population surplus that, when returned to the country after the war from countries before known as Japanese colonies, had to be had to be relocated somewhere. In 1956, after negotiations with the Brazilian government, the first Japanese arrived in Rio Grande do Sul through a planned immigration. The first immigrants grew old or died, but left a legacy that feeds and shares the memory of the Japanese immigration itself through cultural and religious practices. Through the observation of these practices and documentary research, we are able to observe that the activities such as the collective ancestor worship – the Ireisai –, the annual sports competition – the Undokai – and other peculiar activities from that culture happen as a way to strengthen the nipponic bond. Therefore, they preserve the place for the

practice of these memories, that nowadays is represented by Japanese associations and receive indirect or direct support from Japanese institutions.

**KEYWORDS:** Immigration. Post-war. Latin America. Japan.

## 1 | INTRODUÇÃO

Este ensaio pretende analisar a Associação de Assistência Nipo e Brasileiro do Sul, fundada por imigrantes japoneses no início da década de 1970 e que funcionou ao longo das décadas como instituição integradora da comunidade japonesa que instalaram no Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. A reflexão será desenvolvida a partir do pensamento filosófico de Hans Ulrich Gumbrecht (2009, p. 13), no que se refere à linguagem utilizada, na perspectiva da cultura de presença e, sobretudo a da cultura de sentido, o que atribui sentido à existência humana. A compreensão da palavra “linguagem” neste trabalho foi utilizada de forma mais ampla, não somente como sistema de comunicação e compartilhamento de ideias, porém, como meio pelo qual se expressa a identidade, a estratificação social e assim, funcionando como instrumento da manutenção da unidade de uma comunidade através e inclusive para o entretenimento. Nesta perspectiva, o papel dessa instituição será abordado, relacionando a linguagem utilizada com a presença, no ponto de vista dos sete tipos de amálgama que Gumbrecht (2009, p. 14) apresenta.

Assim, depois de apresentar breve relato sobre imigração japonesa no Rio Grande do Sul, serão abordadas algumas das práticas culturais desses imigrantes, junto à Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul, como a do culto anual religioso, o *ireisai* e a gincana esportiva, o *undokai*, organizados por este e realizados junto à comunidade, tendo como discurso a necessidade de rememoração do passado para não esquecer a origem japonesa.

Por fim, haverá uma pequena consideração sobre esses aspectos abordados. A pesquisa sobre papel das instituições na imigração japonesa no estado do Rio Grande do Sul está em fase de pesquisa de modo que o assunto poderá ser explorado no futuro ampliando as perspectivas.

## 2 | A ORGANIZAÇÃO DA COMUNIDADE JAPONESA

A imigração japonesa iniciou-se no Brasil ainda na primeira década do século XX, para suprir a falta de mão de obra nos cafezais de São Paulo, com a chegada de 781 japoneses que trabalhariam nas lavouras do café e mais 12 homens sem contratação prévia (TANAKA, 2003, p. 37-41). As razões pelos quais foram motivados a migrarem ao Japão são variadas onde esses primeiros imigrantes, chamados imigrantes anteriores à Segunda Guerra Mundial, a maioria eram pobres e visavam retornar ao Japão após ganhar boa quantidade de dinheiro no Brasil. Segundo 6º Relatório Anual da Revista de Negócios e Econômicos de Kobe, apresentado pelo

SAITO (1959, p. 50), de 1908 até 1941, 188.615 imigraram do Japão ao Brasil.

No caso do Rio Grande do Sul, a primeira tentativa de instalação da colônia japonesa, na região de Santa Rosa, mais precisamente em Horizontina, noroeste do iniciou-se em 1936, através da Companhia de Imigração Japonesa, KKKK, e por intermediação da Dahne Conceição & Cia. Mas por se situar na região ribeirinha do rio Uruguai, zona de segurança nacional em plena Segunda Guerra Mundial, e por medo de perder suas terras, a maioria dos japoneses venderam suas terras. (OGASAWARA, 2004, p. 230-243).

Após esse fracasso de assentamento, a imigração foi retomada depois do término da segunda grande guerra, e somente a partir de 1956, primeiro com a chegada de solteiros e depois as famílias japonesas para se instalarem no estado, na maioria dos casos como agricultores, através do sistema de subsídios a imigração. As noivas eram chamadas do Japão para casarem com os solteiros. Esse sistema subsidiada pelo governo japonês perdurou até 1963 quando a política de envio sistemático encerrou. (SANTOS; DOLL; GAUDIOSO, 2003, p. 55).

Esses imigrantes, inicialmente realizavam na comunidade as atividades tradicionais japonesas no âmbito familiar, mas logo que chegaram no estado, se organizaram em associações locais chamados *Nihonjin-kai*. Literalmente traduzido, significa “associação de japoneses” e, através dessa associação, passou-se a realizar as atividades comunitárias como a de confraternização e discutir os problemas da comunidade em comum (HANDA, 1981, p. 296). Segundo Handa, a confraternização era necessária porque essas associações eram formadas pelos indivíduos de regiões diferentes do Japão, de modo que somente dessa forma poderiam se conhecer para discutir harmoniosamente os assuntos de interesse da comunidade.

Os japoneses criavam associações de modo que as pessoas diziam: onde os três japoneses se juntam, criam sua associação. Mesmo sendo colônia, não é necessariamente o grupo de pessoas conhecidas ou de amigos e, sendo assim, pensava-se que era necessário realizar atividades de *confraternização*. A *confraternização* significava espaço para os homens se juntarem e beberem [...] e se tornando mais íntimos, empenhar no desenvolvimento e melhoramento na qualidade de vida da comunidade [...] Junto a isso, criam *Seinen-kai* a associação de jovens. Às vezes, o prédio da associação de jovens ficam prontos antes do prédio da *Nihonjin-kai*. A razão disso é que, para obrigar aos jovens à trabalharem nos preparativos e no término das atividades como a de *Undokai* e de confraternização, necessitava de local para guardar objetos usados para tais atividades culturais. (HANDA, 1981, p. 298).

Assim, como em outras comunidades, no Rio Grande do Sul foi criada a Associação de Assistência Nipo-Brasileira do Sul, no início da década de 1970, na cidade de Porto Alegre, com o apoio do governo japonês, com aquisição de terreno e construção do prédio. A sua jurisdição abrange o estado do RS e SC, devido a jurisdição do antigo Consulado Geral do Japão em Porto Alegre, aberto até 2006.

Conforme documentos arquivados na época de sua fundação, percebe-se que quando a associação foi criada, já havia outras associações locais, em sua maioria

não cadastrada como pessoa jurídica, existindo como grupo social de fato. Não há ainda o levantamento quantitativo e identificação precisa dos locais em que esses grupos se organizaram visto que toda documentação está escrita em língua japonesa e, portanto requer maior tempo para identificar tais dados. Entretanto, acredita-se que seu número se aproxima de 15 a 18 associações, tendo como parâmetro as que existem nos dias de hoje.

A Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul, neste contexto além de cumprir sua função como Federação de Associações Japonesas Regionais do Rio Grande do Sul, assume igualmente o papel de associação japonesa de Porto Alegre. Os associados, desde sua fundação são identificados segundo sua região onde mantêm a residência ou domicílio, de modo que esta associação possui visibilidade sobre a comunidade japonesa do estado. Essa associação conhecida entre os japoneses com o nome Enkyô, realiza várias atividades culturais e assistenciais e culturais.

Os dirigentes atuais, na sua maioria composto de associados de segunda geração, têm dificuldades em acessar a esses documentos, de modo que entre os associados, a memória da instituição se restringe à própria memória de indivíduos como memória oral salvo os associados idosos que, beirando a setenta e oitenta anos de idade que ainda conseguem ter acesso às informações escritas. Assim, urge realizar o levantamento de dados documentais assim como o registro da história oral.

### 3 | EVENTOS CULTURAIS COMO EXERCÍCIO DA BUSCA DO PASSADO PELO PRESENTE

Neste espaço criado pelo esforço conjunto dos imigrantes, passou a funcionar um escritório administrativo, o dormitório para os jovens, filhos de agricultores do interior que precisavam estudar na capital, consultório médico e odontológico. Paralelo a estas atividades, também passou a realizar festividades tais como *Engeiai*, o festival artístico com temas nipônicos e locais, *Undokai*, a gincana esportiva e mais tarde o *Ireisai*, o culto aos antepassados. Neste capítulo, serão abordadas as atividades culturais organizadas pela Associação e como essas atividades dialoga com a comunidade japonesa.

O *Undokai* surgiu no Japão como atividade esportiva para incentivar a integração da comunidade ainda no início do período Meiji, na primeira metade do século XX para todas as comunidades japonesas, desde escola até as empresas. Nesse dia, várias atividades são realizadas, sendo o cabo de guerra, curiosamente, é realizado sempre na parte final do evento, dividido em equipes regionais e aquele que vence a todos recebe a taça do ano. Por sua vez, a competição de caça-grãos de soja, pratica a habilidade de usar o *hashi*, os pauzinhos de madeira para juntar os grãos de soja num pote, numa quantidade predeterminada.

Há ainda outras atividades já acima mencionadas como pescaria, e outras e todas elas incentivam as desenvolver o sentimento de competições individuais, em grupo e regionais, seguindo o objetivo inicialmente implantado para a unificação da nação japonesa pelo governo Meiji durante a modernização do país recém emergido do período feudal que durou até 1868. Assim, no *undokai*, todos ganham prêmios pelo simples fato de participar do evento e, com isso, fortalecer o laço entre os integrantes e se identificarem como membro da comunidade.

O *Engeikai* é atividade que visa interação dos membros da comunidade, num sentido de apresentar habilidades pessoais e assim ser reconhecido pela comunidade. Geralmente, no Japão, essa atividade acontece nas escolas em forma de festival anual. Dentre as atividades são realizados os teatros, dança, música e apresentação de comédia e outras habilidades pessoais e, curiosamente, nessa atividade não há premiação por parte do organizador como ocorre em *Undokai*. É o espaço para demonstrar habilidades mais pessoais, podendo ser até acrobacias ou mágicas, desde que tenha cunho artístico. Na colônia japonesa de Ivoti, por exemplo, realiza anualmente no meio do ano com participação de toda comunidade. É o dia que os moradores podem apresentar o que treinou durante o ano e ser estrela do palco, com exibição artística desde que o tema esteja ligado à cultura japonesa e normalmente é falado em língua japonesa.

O *engeikai* é realizado todos os anos, nas datas diferentes as de *undokai* e *engeikai*, com elementos japoneses visivelmente presentes e, mesmo com aumento de casamento inter-étnico e, ao decorrer do tempo e o aumento de jovens mestiços, observa-se que o número de participantes tem se aumentado para se integrarem ao evento, dando a entender que há grande interesse nesses jovens de origem japonesa de reconhecer a sua origem e o passado de suas avós através da Prática dessas atividades culturais. Esses espaços também são locais onde pode ouvir as velhinhas falarem, no seu próprio dialeto, com as amigas e amigos japoneses, o que aumenta ainda mais a sentimento da presença do passado japonês entre as pessoas que participam desses eventos.

Através da participação em eventos como esses, os participantes criam laços com a prática de origem japonesa, percebendo na própria prática do presente o passado, pois “a nossa relação com as coisas (e especificamente com artefatos culturais), nunca é apenas uma relação de atribuição de sentido” (GUMBRECHT, 2009, p. 12).

Segundo este autor, ao se referir à relação cartesiana

Sempre viveremos entro e consciente de uma relação espacial com estas coisas. As coisas podem estar “presentes” ou “ausentes” para nós, e se elas estão “presentes” elas podem estar perto ou longe de nossos corpos. Chamando-as de “presentes”, então, no sentido original do latim *prae-esse*, estaríamos afirmando que as coisas estão em “frente” de nós, sendo assim tangíveis. GUMBRECHT, 2009. p. 12).

Essa prática japonesa organizada e realizada pela Associação japonesa formada, comunidade local faz com que os indivíduos participem das atividades, enquanto cultura de presença, integrando-se à comunidade como um todo e para ter reconhecimento enquanto indivíduo diante da mesma.

Outro evento anual organizado pela Associação é a cerimônia de culto aos antepassados, chamado *Ireisai*. Este culto essencialmente religioso é realizado geralmente no primeiro sábado da segunda quinzena do mês de agosto e tem como objetivo agradecer e homenagear o espírito de antepassados. A data da celebração se aproxima do período e finados do Japão, o chamado *Bom*, quando ocorrem vários festivais que homenageia os antepassados, tanto da sua localidade como o do espírito do familiar.

A concepção sobre religiosidade no Japão é mais ampla do que os países ocidentais na sua maioria, calcado na religião cristã. Segundo Paiva,

As concepções, atribuições e histórias relacionadas com Deus ou deuses; sentimentos, afetos e emoções também relacionadas com essas entidades; ações, práticas, ritos igualmente relativos a essas concepções e emoções (PAIVA, 2007, p. 184).

fazem parte da religião, o que essa atividade praticada através da verbalização desses imigrantes no culto religioso faz os identificar como pertencente daqueles raízes, a sua origem japonesa.

No que se refere às práticas religiosas, o povo japonês, desde seus primórdios, atribui à natureza e aos seres vivos e inanimados um princípio vital, como se as pessoas fossem e, na época em que a agricultura passou a ser praticado com divisão do trabalho, aproximadamente III séculos AC, passa a acreditar na existência de deuses baseados na mitologia, semelhante aos deuses gregos, sem que isso substitua a concepção das percepções religiosas anteriores nem que haja o sincretismo religioso (TAZAWA; OUDA; MATSUBARA, 1973, p. 9-15).

Em relação ao budismo, Ronan Alves Pereira (2006) afirma que

não somente teve um relacionamento sincrético com o Xintoísmo, como também desenvolveu uma espécie de “divisão de trabalho” com o mesmo, no que tange a ritos de passagem: enquanto o Xintoísmo geralmente está relacionado com o nascimento e o matrimônio, o Budismo continua na esfera do culto aos antepassados e dos ritos funerários. Note se, porém, que apesar de não serem práticas comuns, também é possível haver casamento budista e funeral xintoísta. (PEREIRA, 2006, p. 34).

Os imigrantes trouxeram consigo essa crença religiosa, sobretudo sentindo a necessidade de realizar o culto a seus antepassados, procurou na instituição por eles mesmos organizados o espaço para realização de tal evento. Assim, a Associação passou a organizar e realizar o culto, segundo preceito de cada religião convidada para celebrar seus ritos, todos em língua japonesa. Conforme Gaudioso e Soares,

No dia de homenagem aos mortos, *ireisai*, os monges, padres, pastores e reverendos de várias religiões se reúnem com os imigrantes e seus descendentes na sede da Associação Assistencial Nipo e Brasileira do Sul, *Enkyo*, para realizarem cultos religiosos em língua japonesa. Nessa celebração, os japoneses e seus descendentes reúnem-se para homenagear seus entes queridos que decidiram perpetuar-se no solo gaúcho. É o momento no qual se manifestam compreensão, harmonia e interação entre as religiões, de todas as origens, ocidentais e orientais, entre idosos e jovens. (GAUDIOSO; SOARES, 2011, p. 6).

Nesse dia, são organizados os rituais religiosos de três religiões que a comunidade considera mais tradicionais: o budismo, o católico e o protestante. A religião xintó não é celebrada nessa cerimônia, pois na religião japonesa o xintoísmo é praticado mais com assuntos ligados no cotidiano entre os vivos que mortos e, por outro lado, esses deuses do Japão são regionais ou pertencentes à família, como deus protetor daquela casa. Observa-se que no xintoísmo,

diferentemente da religião católica, por exemplo, cuja data de celebração religiosa é unificada independentemente do local onde o indivíduo esteja, as festas religiosas xintoístas do Japão variam de região para região. Cada um desses deuses e entidades está firmemente enraizadas no local, de forma que em todo o território japonês se realizam durante o ano, diversos festivais e rituais locais, de forma independente uma das outras. (GAUDIOSO; SOARES, 2011, p. 3).

Desta forma, enquanto que o culto aos deuses do xintoísmo ocorre mais no âmbito individual e familiar, como nas casas que possuem altar *kamidana*, próprio do xintoísmo, os imigrantes japoneses praticam os rituais das demais religiões no espaço em comum, para rememorar os entes falecidos e que no passado compartilharam as experiências da vida.

#### 4 | DIALOGANDO COM AS SETE AMÁLGAMAS DO GUMBRECHT

Neste capítulo será analisada as atividades culturais realizadas pela Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul sob ponto de vista das sete amálgamas apontadas por Gumbrecht.

O primeiro amálgama é a linguagem tratada como uma realidade física que afeta não somente o órgão sensor acústico mas o corpo todo, percebendo-a “mesmo se não nos for possível entender o que supostamente suas palavras significam” pois “alguém pode captar certas qualidades da poesia declamada, mesmo sem saber o idioma que está sendo usado”(GUMBRECHT, 2009, p. 13).

No caso dos festivais artísticos como o *engeikai*, grande parte dos participantes apresentam suas habilidades em língua japonesa, sobretudo quando cantam em japonês, mesmo sem saber exatamente o que a letra da música significa. Este evento é altamente incentivado, principalmente por parte dos mais idosos e pelo próprio incentivo por parte do órgão japonês, valorizam a comunidade por exercer tal atividade, como presença do membro do corpo consular e demais autoridades como

aqueles ligados a Câmara de Indústria e Comércio Japonesa do RS por entender que o evento como esse preserva a cultura de origem, portanto o passado, tornando presente as tais práticas.

Em se referindo ao *undokai*, como já foi mencionado, diversos elementos culturais e funcionais estão presentes, tanto para rememorar o passado no presente assim como a utilização da língua japonesa falada no evento, como as palavras de incentivo e de diálogo dos locutores e líderes locais na inserção de atividades em execução, muitas vezes em seus dialetos locais, reforçando a sua identidade cultural. No rito religioso em questão, sobretudo no ritual celebrado por monge budista, entoam-se sutras, uma oração budista, falado em sânscrito durante o ritual de modo que ninguém entende o seu conteúdo, salvo a entoação em língua japonesa que segue logo após. Mesmo assim, as pessoas que comparecem a essa celebração sentem-se que oraram conforme a tradição quando participam do ritual com entoação de tais sutras, identificando-se com a alma que está sendo homenageada, guardada em sua memória.

Desde 2013, quando o monge japonês faleceu, o ritual budista é realizado por monja budista da seita Soto, da linhagem do zen budismo japonês. Sendo americana e não sendo falante fluente da língua japonesa, a monja celebra uma parte do ritual em sânscrito e, mesmo assim, as pessoas demonstram suas comoções e satisfações por poder ter realizado o ritual em japonês e no ritmo que lhes é familiar. Por outro lado, as missas católicas e protestantes, também são realizadas em língua japonesa. Para os presentes na missa de segunda e de terceira geração que entende melhor o português, dizem que a cerimônia precisa ser feita em língua japonesa para que as almas dos falecidos compreendam o que estão falando em orações e assim, poder consolar os espíritos japoneses que permanecem na memória e que entende melhor o japonês.

Conforme Gumbrecht (2009, p. 14) a linguagem possui um 'ritmo' que pode sentir e identificar independentemente do significado que a linguagem 'carrega' e que, como uma realidade física que tem forma e pode dar performance à memória da pessoa. Assim, estas orações podem trazer aos parentes dos falecidos a sensação de reencontro momentâneo com os entes que já se foram, pois, pode-se atribuir uma função encantatória para a linguagem como tornar algo ausente em presentes e coisas presentes em algo ausente (GUMBRECHT, 2009, p. 14).

O segundo amálgama enunciado entre presença e linguagem, segundo Gumbrecht (2009, p. 14) "está presente em algumas práticas básicas de filologia". Sob esse aspecto, os enunciados da linguagem utilizados nos eventos organizados para tais atividades remetem ao passado japonês dos imigrantes e seus descendentes tais como no momento do pronunciamento da abertura e encerramento de cada uma das atividades, sendo que essas interpretações estão sempre em conexão com o tempo presente de modo a solucionar algum problema ou comentar o que as pessoas vivem no momento, como as práticas que os participantes vivenciam no presente,

rememorando o passado.

Por sua vez, o terceiro caso do amálgama se manifesta através da linguagem que é capaz de disparar uma experiência estética. Segundo Gumbrecht (2009, p. 15), essas formas poéticas estão engajadas em uma oscilação com o significado, no sentido de que um leitor/ouvinte não consegue prestar atenção de forma satisfatória a ambos os lados.

Isso seria o caso de imigrantes que não dominam bem a língua portuguesa por um lado e, por outro lado, a de seus descendentes que, já sem dominar a língua de origem de seus ancestrais, fazem de conta que entendem o que uns falam aos outros ou simplesmente ignoram. Seria aqui o caso dos imigrantes que ouve entoação de sutras como se ouve poemas e se encanta com o som? Gumbrecht afirma que entender o significado da linguagem não ocorre ao mesmo tempo em que se percebe o aspecto estético da mesma.

O quarto paradigma do amálgama é a linguagem do misticismo onde “a linguagem mística produz o efeito paradoxal de estimular imaginações que parecem tornar esta mesma presença palpável” e que “uma visão tanto secular como analítica compreenderá a experiência mística em si mesma como um efeito de presença produzido pela linguagem” produzindo o efeito do passado no presente “por seus poderes inerentes de autopersuasão” (GUMBRECHT, 2009, p. 15).

No caso das religiões mais tradicionais do Japão como xintoísmo e o budismo, em que acredita se retorno de falecidos em determinadas condições, esse paradigma se faz maior sentido. Por outro lado, as pessoas que participam nos eventos e festivais organizados e realizados pelos próprios japoneses, falando e escutando as línguas familiares a da sua terra de origem, pode trazer a sensação de vivenciar o tempo memorável como se ali estivessem no presente.

O outro amálgama é aquele que a própria linguagem passa a assumir a posição de “coisas”. Isto quer dizer que, “este inclui textos em que o paradigma semiótico de representação é substituído por uma atitude dêitica em que as palavras são experimentadas como apontando coisas, ao invés de substituí-las” (GUMBRECHT, 2009, p. 16). No caso do *ihai*, um tabuleiro com o nome do falecido ou mensagem ao falecido, os japoneses consideram esse tabuleiro a própria figura do falecido de modo que, nas celebrações anuais, coloca no altar um tabuleiro grande escrito “espírito dos falecidos”. Além disso, algumas pessoas trazem o *ihai* da sua casa consigo para que o falecido possa participar do ritual religioso.

Em relação ao efeito da epifania, o sexto modo de amálgama, produzido pela linguagem, Gumbrecht (2009, p. 16) sugere que “se levarmos em conta a fenomenologia da linguagem como uma realidade física, e, com isto, o potencial de encantamento da linguagem, então uma convergência entre literatura e epifania parece ser muito menos estranha”. Considerando os trechos de escrituras ou de alguma passagem histórica falada ou lida durante a cerimônia de culto religioso e isso resulta no estado de alteração espiritual momentânea, pode-se afirmar que ocorreu a epifania através

da linguagem utilizada na cerimônia. O discurso das autoridades ou notícia que for publicada no boletim ou jornal a respeito das atividades acima mencionadas também poderá ocasionar a epifania, conforme estilo de linguagem utilizada em tal texto, visto que na língua japonesa há diversos estilos de linguagem e isso poderá afetar o conteúdo da mensagem.

Por fim, como sétimo amalgame, Gumbrecht afirma que,

a linguagem, sob determinadas condições, pode tornar o passado tangivelmente presente” pois “sempre que ‘tornamos presentes’ coisas, corpos ou sentimentos, ativamos e acentuamos aquela dimensão de experiência que, em minha tipologia introdutória básica, chamo ‘cultura de presença’ (GUMBRECHT, 2009, p. 17).

Isto quer dizer que através das “linguagens que apontam para objetos e lugares que conferem uma presença material ao passado dentro do presente temporal” pode fazer emergir passado presente e que isso pode acontecer por contato físico com antiquários que contêm escritas do passado ou, “pelos estilos e formas lingüísticas [sic] que são percebidas como ‘antiquadas’ sem serem tão remotas que precisem de uma tradução formal para uma linguagem contemporânea” (GUMBRECHT, 2009, p. 18).

Este amalgame é percebida nos textos escritos ou mesmo na linguagem falada em japonês, como linguagem oral em geral, pois ela tem peculiaridade de expressar enquanto estilo de linguagem as características dos locutores, interlocutores e terceiros envolvidos na fala e na escrita, além dos dialetos presentes em cada região do país carregado de significados.

Nesse sentido, num ambiente como a de celebração em homenagem aos mortos, atividades culturais originárias do Japão, quando se utiliza as palavras em estilo mais antiga, formal ou informal, ligados ao material que visivelmente simboliza a presença do passado como a *ihai*, instrumentos usados na competição esportiva ou nas apresentações teatrais, possibilita tornar o passado presente, de forma palpável.

Finalmente, Gumbrecht conclui que vê “a descrição da linguagem como ‘a casa do Ser’ de forma promissora, mas que, quando efetivada, pode vir a ser diferente daquilo que Heidegger quis dizer com estas palavras” já que, segundo este autor, “o conceito de ‘Ser’ aponta para uma relação entre as coisas e o ‘Daisen’”, na qual o ‘Dasein’ é concebido como algo ontologicamente uno, numa convergência lingüística para o tempo presente. Nesse contexto, a preservação da cultura japonesa se pratica mesmo fora do território nacional garantindo, grosso modo, a identidade nacional japonesa.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto do Hans Ulrich Gumbrecht utilizado no presente trabalho possibilitou

a realizar o estudo das atividades culturais japonesas realizadas na Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul junto à comunidade japonesa do Rio Grande do Sul, sobretudo em seus aspectos de linguagem presentes e ver como tal prática exerce a função de resgatar a memória dos imigrantes, tornando presente o passado. Ao analisar essas práticas sob os aspectos de sete amalgamas entre linguagem e cultura de presença, pode-se perceber que há conexão profunda entre utilização da linguagem para resgatar a memória no tempo presente, isto é, a linguagem é utilizada para tornar presente o passado.

Assim, pode se afirmar que tanto o *engeikai*, a *undokai* como o *ireisa*, realizados pela Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul, são significativos no sentido de resgatar a memória coletiva, através da linguagem utilizada, tornando o passado presente e que sendo praticado na comunidade japonesa, preserva o elemento de sua identidade enquanto japonês mesmo fora do território nacional.

## REFERÊNCIAS

GAUDIOSO, Tomoko Kimura; SOARES, André Luis Ramos. Entre o Bustsudán e a missa: práticas religiosas de imigrantes japoneses no Rio Grande do Sul, Brasil. *Amérique Latine Histoire et Mémoire*, n. 20, 2010. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/alhim/3667>>. Acesso em: 10 maio 2019.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado. *História e Historiografia*, Ouro Preto, n. 3, p. 10-22, set. 2009.

HANDA, Tomoo. Imin no seikatsu no rekishi (História da imigração japonesa). São Paulo: Centro de Estudos Nipo-brasileiros, 1981.

OGASAWARA, Kôei. *Kieta Ijûti wo motomete* (A procura das colônias japonesas desaparecidas). São Paulo: Centro de Estudos Nipo-brasileiros. (Coleção The Research Institute of Humanities Research, 3).

PEREIRA, Ronan Alves. O budismo japonês: sua história, modernização e Transnacionalização. Ponto de Encontro de Ex-Fellow, São Paulo, n. 1, 2006. Suplemento. Disponível em: <<http://www.fjsp.org.br/estudos/ed%2001/artigo%20Budismo%20%20Ronan.doc>>. Acesso em: 11 maio 2019.

SAITO, Hiroshi. Alguns aspectos da mobilidade dos japoneses no Brasil. In: KOBE UNIVERSITY. *Kobe Economic and Business Review 6th Annual Report*. Kobe, 1959.

SANTOS, Geraldine Alves; DOLL, Johannes; GAUDIOSO, Tomoko Kimura. A integração cultural do japonês na cultura brasileira: a experiência da Colônia de Ivoti. *Cadernos de Pós-graduação em Direito*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, nov. 2003. Edição especial.

TANAKA, Aline Midori de Moraes. Imigração e colonização japonesa no Brasil. *Cadernos de Pós-graduação em Direito*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 37-41, nov. 2003. Edição especial.

TAZAWA, Y.; OKUDA S.; MATSUBARA, S. *História Cultural do Japão: uma perspectiva*. Tóquio: Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão, 1973.

## **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

**Denise Pereira** - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

**Maristela Carneiro** - Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alegoria da caverna  
Análise espaço

### C

Cibercultura  
Ciências política  
Ciências sociais  
Colonização

### D

Direitos civis territorialidades

### E

Ensino de história  
Exponere

### F

Feminismo  
Filosofia  
Fontes documentais  
Formação do homem

### H

Historiografia  
História dos costumes  
História intelectual  
Historiografia

### I

Igreja católica  
Imigração

### L

Literatura  
Lutas

### M

Meio ambiente  
Memória  
Micro-história

## **O**

Organizações sociais

## **P**

Política

Populismo

Protestante

## **R**

Relações de trabalho

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-559-4

